

IVAN SERPA

Retrospectiva

1947 - 1973



S/ título (da fase negra), 1964. óleo s/ tela, 140 X 200cm.
Col. Particular



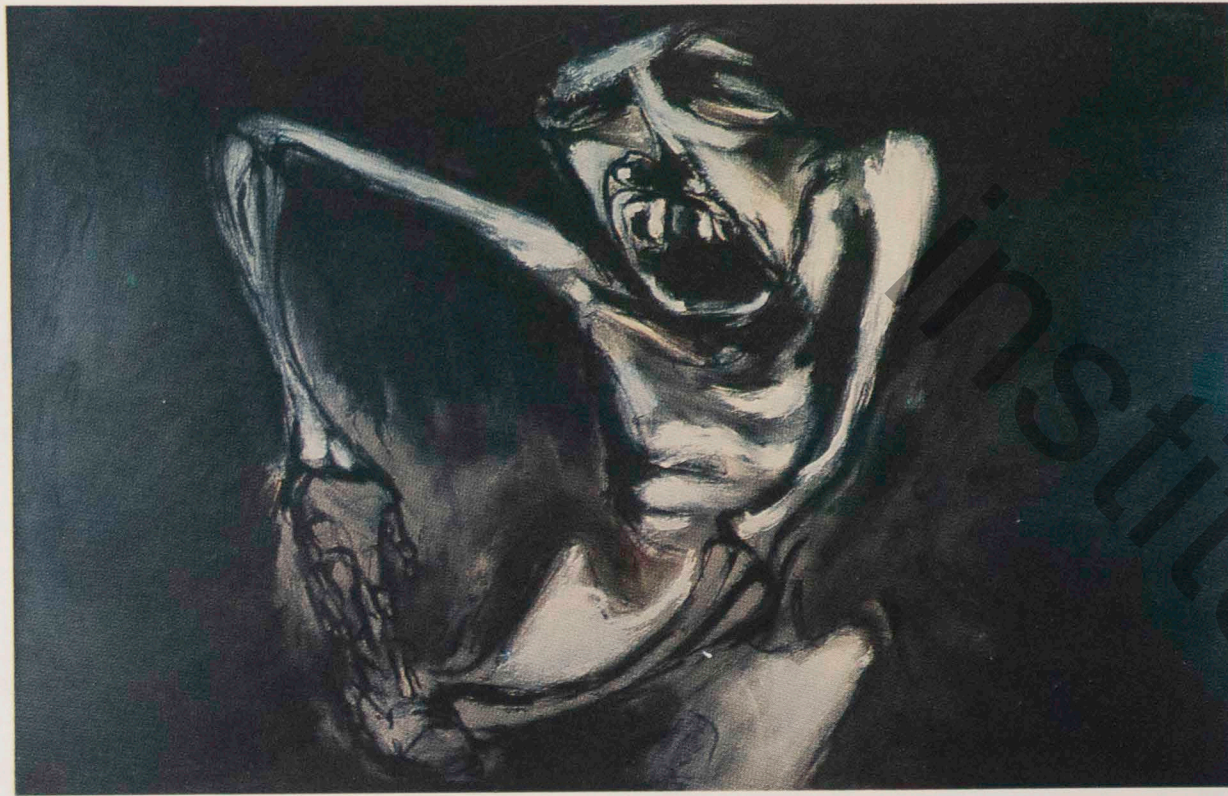
S/ título (da série op-erótica), 1970. nanquim s/ papel, 98 X 68cm.
Col. Paulo Lima



S/ título, 1957. óleo s/ tela, 50 X 66cm.
Col. João Leão Sattamini

Exposição:
18 de maio a 18 de julho de 1993

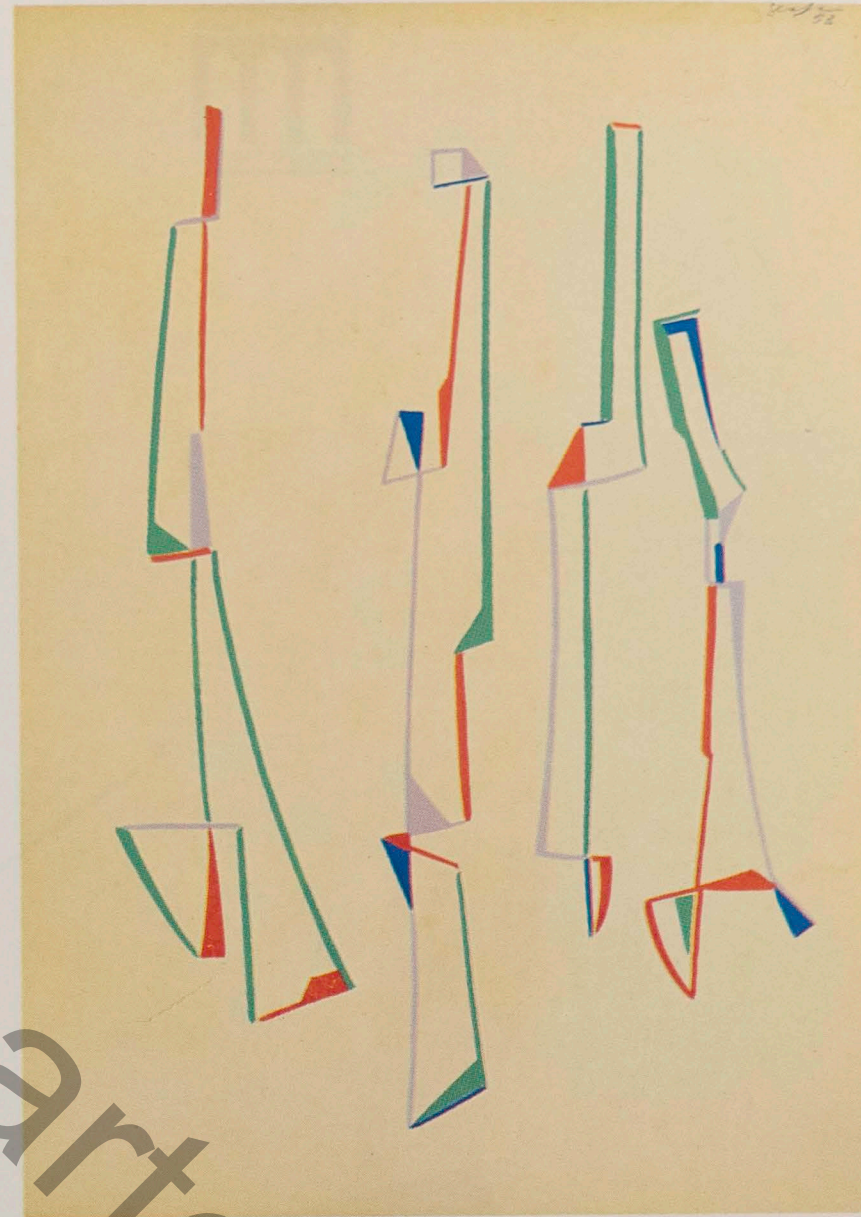
Realização:
Centro Cultural Banco do Brasil
Rua Primeiro de Março, 66 - Rio de Janeiro



S/ título (da fase negra), 1964. óleo s/ tela, 140 X 200cm.
Col. Particular



S/ título (da série op-erótica), 1970. nanquim s/ papel, 98 X 68cm.
Col. Paulo Lima



S/ título, 1953. guache s/ papel, 24 X 17cm.
Col. Estudio Guanabara



S/ título (Abstração), 1961. têmpera e óleo s/ tela, 165 X 200cm.
Col. Ivo Pitanguy

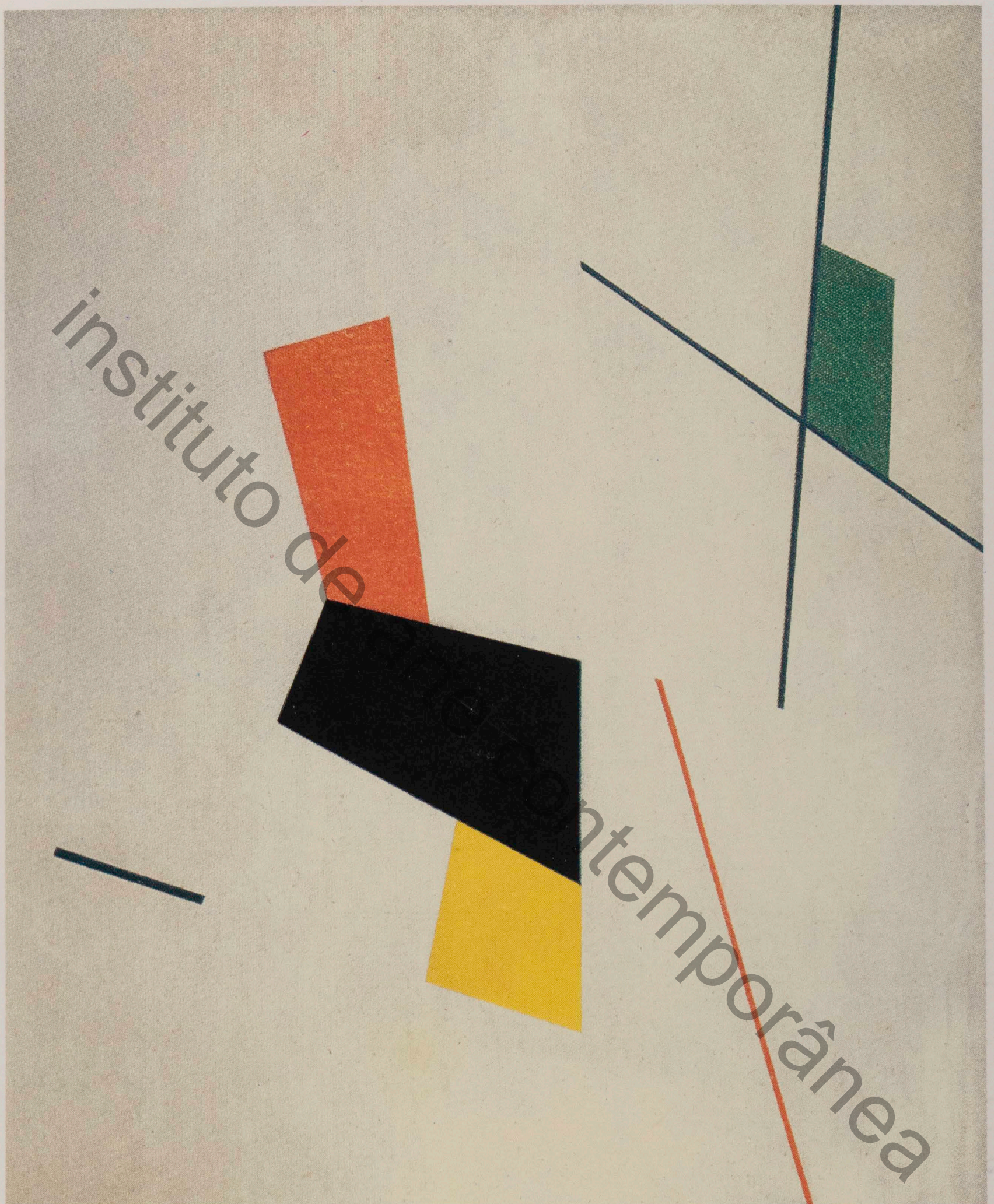
Artista carioca de trajetória relativamente curta — menos de 30 anos, entre 1946/1947 e 1973 —, Ivan Serpa (1923-1973) marcou, no entanto, todo o percurso da arte carioca desde o início dos anos 50. Serpa o conseguiu não apenas através do impacto produzido por sua obra — que já em 1951 lhe garantia o prêmio de Melhor Pintor Jovem na I Bienal Internacional de São Paulo —, mas como ainda pelos combates que empreendeu em favor da implantação de um sistema artístico verdadeiramente contemporâneo no circuito brasileiro — foi o criador e mentor do Grupo Frente desde 1954, a contrapartida carioca ao Grupo Ruptura paulista surgido dois anos antes — e, ainda, através de suas atividades didáticas, desenvolvidas principalmente no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, que ele acompanhou desde sua criação, em 1948 e onde, desde cedo, deu aulas para turmas, tanto de adultos quanto de crianças.

Durante os anos 50, defensor do abstracionismo geométrico que, no Brasil, começara a ganhar adeptos desde o final dos anos 40 e se solidificou com a vinda do concretismo de Max Bill para a I Bienal paulista, Serpa juntou à sua volta nomes que mais tarde fariam a história da arte daquele período: Lygia Pape, Lygia Clark, Hélio Oiticica, entre outros, que formariam o núcleo concreto carioca, a despeito da resistência imposta, de um lado, pela Academia já em seus extertores, pelo Modernismo também agonizante, de outro, e por um terceiro grupo, este bem menos aguerrido e mais frouxo em sua organização, o abstracionismo informal (observe-se que, mesmo neste período, Serpa se deu ao luxo de realizar algumas experiências com a abstração não geométrica: no início da década seguinte elas viriam a ser determinantes de seu desenvolvimento). Classificado de “pouco ortodoxo” pelos integrantes do concretismo paulista, Serpa empregava os procedimentos do concretismo ao mesmo tempo com uma liberdade e um rigor exemplares e que fizeram escola. Mais do que isto, ainda, Serpa era um artista que dava à execução da obra, às suas qualidades especificamente artesanais, uma importância enorme. Seu domínio do material era absoluto, e nisto ele era obsessivo, como atestam os milhares de exercícios pelo simples prazer do exercício que ele deixou.

Foram aqueles à sua volta, contudo, que produziram ainda uma nova outra quebra nos padrões artísticos, com o aparecimento do neoconcretismo, em 1959: Serpa participou de algumas das suas exposições mas não se vinculou ao movimento, preferindo, daí para a frente, assumir um caminho mais individualizado — embora não tenha aberto mão do trabalho didático, o que manteve sua influência viva entre as gerações mais novas. Após algumas experiências importantes com o abstracionismo não-geométrico (mas de modo algum informal), experimentando até mesmo com o percurso traçado pelos cupins em pedaços de cartão, Serpa retorna a uma figuração de caráter mais expressiva (seria exagero qualificá-la incondicionalmente de expressionista), passando a trabalhar em diversas direções ao mesmo tempo, realizando experimentos de natureza diversa e que, logo, fariam com que ele fosse classificado de um “experimentador nato”, sem se fixar em qualquer direção por muito tempo. Mesmo com a eclosão engajada da Nova Figuração, em meados dos anos 60, Serpa se recusa a adotar uma postura única, mantendo sua independência e tendo como constantes em seu trabalho apenas algumas séries de desenhos, realizados mais para prazer seu do que para serem propriamente expostos: as séries de *Bichos* e de *Mulheres com Bichos* em especial, que foram o grosso de sua produção pública entre c1962 e c1965, interrompidos apenas pelo aparecimento da *Fase Negra*, relativamente curta (toda concentrada em 1964), talvez seus trabalhos mais conhecidos e de maior impacto.

Seguem-se, a partir daí, séries de trabalhos de caráter bastante diverso, alguns de influência da *Pop* brasileira, outros de caráter mais pessoal: as séries *op-erótica*, *bicos-de-pena* de uma limpeza e uma sensualidade extremas, e o retorno a uma nova geometria, desta vez não mais derivada do receituário do concretismo, mas uma geometria de ordem mais livre e despojada. Desta fase são as séries *Amazônica* e *Mangueira*, as séries de pequenos trabalhos de caráter geométrico derivado da *Op* e, como decorrência destes últimos, a série geomântica, que reúne alguns dos últimos trabalhos dos artistas. Esta se diferencia da anterior por suas referências místicas (uma novidade na trajetória do artista, que sempre se havia pautado pelo mais estrito racionalismo, mesmo nas fases de maior adesão à expressividade), apesar de alguns trabalhos, os quadriculados em especial, guardarem bastante semelhanças entre si: a presença de quadrados formando uma cruz diferencia as telas geomânticas de Serpa dos seus trabalhos *Op* do período imediatamente anterior.

O seu retorno a esta última geometria foi de curta duração, contudo, interrompido por sua morte prematura: os trabalhos guardam entre si uma consistência extraordinária, embora não constituam um conjunto tão notável quanto aquele dos anos 50, quando Serpa não teve uma década inteira para pensar o problema da abstração geométrica, como também estava ajudando a mudar, de uma vez por todas, os rumos de toda a arte brasileira. Desta vez o retorno foi quase como um canto do cisne, deixando Serpa uma obra incompleta e sem que a nova direção final fosse totalmente indicada. Artista que não se satisfazia durante muito tempo com um único caminho, Serpa ainda teria muito a reformular neste seu último período.



Formas nº 16, 1952. óleo s/ tela, 73 X 60cm.
Col. Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro

*O Centro Cultural Banco do Brasil
convida para a abertura da exposição a ser realizada
no dia 18 de maio de 1993 às 19:00hs.*